

APROXIMAÇÕES E VEREDAS: POÉTICAS DE ROSA E LINA

Stephany Altruda (IC) e Ruth Verde Zein (Orientadora)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

A pesquisa origina-se de uma inquietação acerca do processo criativo, retratando uma reflexão de caráter teórico e prático. Este artigo toma como tema a obra de dois intelectuais modernos que atuaram em campos profissionais distintos e visa investigar a construção de conexões interdisciplinares entre arquitetura e outras áreas. Dessa forma, tangencia temas da literatura, história, geografia, filosofia e sociologia. O foco da análise são duas obras exemplares: o romance Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa, 1956) e a Igreja do Espírito Santo do Cerrado em Minas Gerais (Lina Bo Bardi com colaboração de André Vainer e Marcelo Carvalho Ferraz, 1976). A primeira será mediada pelas releituras dos textos de "Grandesertão.br: romance de formação do Brasil" (BOLLE, 2004) e "O super-realismo de Guimarães Rosa (CANDIDO, 2006)". Já a segunda será baseada nas releituras dos textos de Lina Bo Bardi publicados nas cinco primeiras edições da revista Habitat (1950-1951) e na sua tese "Contribuição Propedêutica do Ensino da Teoria da Arquitetura" (Bardi, 1957). A pesquisa que vem sendo realizada visa construir uma análise comparativa metodológica, esboçada a partir do tripé: Lina, Rosa e a questão do "vernacular" na arte e arquitetura modernas.

Palavras-chave: Vernacular, Lina, Rosa.

ABSTRACT

This research originates from an uneasiness about the creative process, portraying a reflection of a theoretical and practical character. This article takes as its theme the work of two modern intellectuals who acted in different professional fields and aims to investigate the construction of interdisciplinary connections between architecture and other areas. In this way, it touches themes of literature, history, geography, philosophy, and sociology. The focus of the analysis is two exemplary works: the novel Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa, 1956) and the Church of the Holy Spirit of the Cerrado in Minas Gerais (Lina Bo Bardi and team², 1976). The first will be mediated by the re-reading of the texts of "Grandesertão.br: a novel of formation of Brazil" (BOLLE, 2004) and "The super-realism of Guimarães Rosa (CANDIDO, 2006)". The second one will be based on the re-reading of Lina Bo Bardi's texts published in the first five issues of Habitat (1950-1951) and her thesis "Propaedeutic Contribution of Teaching Architecture Theory" (Bardi, 1957). The research that is being carried out aims to construct a comparative methodological analysis, outlined from the tripod: Lina, Rosa and the question of "vernacular" in modern art and architecture.

Keywords: Vernacular, Lina, Rosa.

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa pretende compreender e estudar a viabilidade em algumas aproximações entre as obras de Guimarães Rosa e Lina Bo Bardi, em especial a que tange à valorização do conceito de “vernáculo” em suas obras dos anos 1950 e 1970, e suas repercussões contemporâneas.

A partir da coleta de dados referentes a pesquisas biográficas de ambos artistas e de suas obras, e da sua reconstituição em modelagem virtual do edifício, da Igreja e do percurso realizados pelos personagens em Grande Sertão: Veredas, pretende-se realizar in loco um levantamento iconográfico. Este será composto pela observação de obras que aludam às passagens do romance, nas quais se ressaltará aproximações e similaridades com a Igreja do Espírito Santo do Cerrado, tanto de aspectos tangíveis – como soluções estruturais- como intangíveis – como intenção projetual e filosofia de processo projetual.

Além disso, este projeto de pesquisa apresenta-se como uma investigação para a espacialidade não só presente na arquitetura, como também na literatura, regida pela imaginação (MARGOTTO, 2016). Italo Calvino já alertava para a importância da imaginação:

“perder uma faculdade humana fundamental: a capacidade de pôr em foco visões de olhos fechados, de fazer brotar cores e formas de um alinhamento de caracteres alfabéticos negros sobre uma página branca, de pensar por imagens” (CALVINO, 1990, p.107-108)

Dessa forma, a pesquisa visa instigar um estado interdisciplinar conectando esses dois campos de atuação, literatura e arquitetura, a fim de que nossa capacidade de “pensar por imagens” seja estimulada e preservada.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O processo de criação do projeto arquitetônico, apesar de partir sempre de algumas premissas básicas, resulta infinitamente variável de acordo com o profissional, sua época e seu lugar. O campo projetivo arquitetônico encontra-se numa área intermediária entre ciência e arte, tendo que responder a questões não perfeitamente definidas e permitindo múltiplas abordagens (DÜLGEROGLU, 1999; JUTLA, 1996. In: KOWALTOWSKI et al., 2006). Essa intersecção fértil sugere a possibilidade de aberturas para outros campos disciplinares. Este projeto de pesquisa parte dessa inquietação e se propõe a analisar e comparar abordagens criativas em campos distintos, no caso, arquitetura e literatura. O termo mediador comum entre ambas é a ideia do “vernacular”. Os estudos de caso, concentram-se já em dois objetos: o edifício da Igreja do Espírito Santo do Cerrado em Minas Gerais (Lina Bo Bardi, 1976) e o romance Grande Sertão Veredas (João Guimarães Rosa, 1956).

Há proximidades entre essas obras. Ambas se localizam no sertão mineiro, ou seja, no Cerrado de Minas Gerais. Este bioma brasileiro recobre 25% do território nacional, servindo de elo para outros quatro biomas diferentes, a Amazônia, a Caatinga, a Mata Atlântica e o

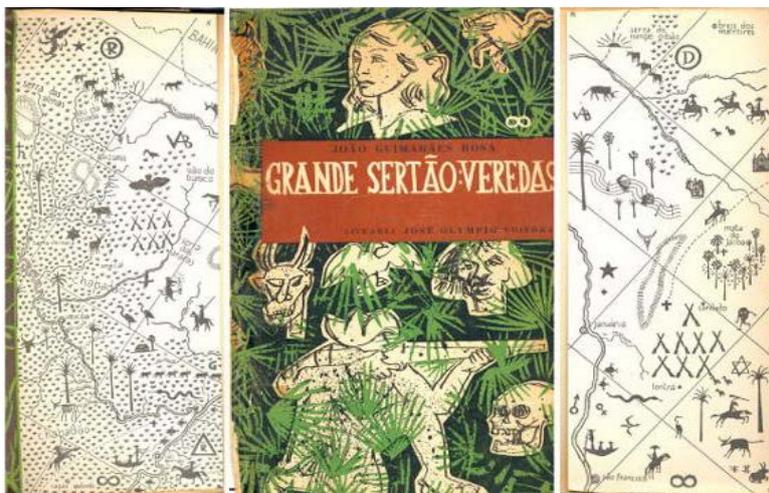
Pantanal. A importância deste bioma acentua-se pelo fato de abrigar seis das oito grandes bacias hidrográficas brasileiras (WWF BRASIL, online).

A obra de Rosa retrata um sertão antes de sua “modernização”. A partir da década de 1950, em Minas Gerais, surgiram e se expandiram programas de extensão rural. Dentre eles, destacou-se a ACAR| MG, Associação de Crédito e Assistência Rural em Minas Gerais, criada a partir de uma cooperação técnica entre o governo do estado de Minas Gerais e uma agência norte-americana, sem fins lucrativos, a American International Association for Economic and Social Development (AIA). Os trabalhos realizados por técnicos agrícolas e agrônomos na zona rural mineira, logo se depararam com populações que estes agentes pouco conheciam. “Dessa forma, como se atribui ao longo de políticas de intervenção, caberia modernizar esses espaços à maneira americana, sendo a extensão rural um modelo apropriado, uma fórmula para alcançarem seus objetivos” (SILVA, 2015).

Nesse contexto de constante transformação e disputa, a pesquisa se foca na análise de duas obras que, por meios e estratégias aparentemente distintas, reiteram a importância da cultura tradicional da população daquela região. Apesar dos lugares ocupados por ambas obras se localizarem um no centro-oeste do sertão mineiro e outro em Uberlândia, no extremo oeste ou Triângulo Mineiro, em ambos se destaca a vontade genuína de seus autores de valorizar o sertanejo mineiro, representando sua postura e defendendo sua atuação. Para suprir e contrapor a diferença temporal das datas de ambas as obras, amparo-me em análises de textos provenientes das cinco primeiras edições da revista Habitat, publicados contemporaneamente à obra de Rosa, onde Lina já demonstrava seu posicionamento a favor dessa valorização da cultura popular não apenas nos artigos, destacando os conteúdos expostos nas escolhas de ilustrações e na diagramação das imagens e textos,

O primeiro objeto estudado na pesquisa foi o romance “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa. Seu autor foi contista, romancista, novelista, diplomata, tendo também atuado em um curto período como médico. Nascido em Cordisburgo, Minas Gerais, em junho de 1908, teve sua infância marcada por um período no interior e outro na capital mineira, para a qual transferiu-se aos seus dez anos de idade. Após formado em Medicina em 1930, exerceu sua profissão na pequena vila de Itaguara pertencente ao município de Itaúna (MG). Nela vivenciou momentos intrínsecos com a comunidade local reconhecendo, por exemplo, a importância de raizeiros e receitadores no atendimento a pessoas marginalizadas, desfrutando da amizade de alguns deles. Em contato com essa região carente Rosa, segundo relatos de sua filha Vilma, afasta-se da Medicina, ao constatar sua incapacidade no término das dores que afligiam os moradores locais. Expondo, no contato direto com a comunidade, indícios de sua sensibilidade e preocupação humanas (NOGUEIRA, online) e (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, online).

FIGURA 1: Capa da 1ª edição de Grande Sertão: Veredas e orelha de outras edições, desenhadas por Poty.



Fonte: IEB USP – Fundo João Guimarães Rosa. (“O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas)”. Apud: MONTEIRO, 2006).

Em 1952, surge a ideia para a criação do enredo do romance Grande Sertão Veredas, a partir de uma viagem realizada por Rosa ao sertão mineiro, constando novamente o ambiente naturalizado pelo homem do sertão. Esta comitiva foi capitaneada pelo vaqueiro Manuelzão, levando uma boiada entre a região da Sirga, no então povoado de Barreiro Grande, atual cidade de Três Marias, e a Fazenda São Francisco, em Araçaí, ex-distrito de Sete Lagoas. Esta viagem foi registrada nas cadernetas de Guimarães, como “diários de viagem”, consideradas neste trabalho. (SALES, 2012)

A partir destas fontes, a obra adota uma atitude ambiciosa, pois reintegra a sabedoria refratária do sertanejo ao embate humano, e ativar seu caráter transcendente, ao comparar o sertão com a essência humana. A partir desta epopeia - também considerada uma alegoria metafísica (LOURENÇO, 1997), Rosa destrincha o sertão na mesma intensidade que investiga a profundidade da alma humana, destacando-se pela experimentação e recriação da linguagem utilizada.

Porém, o que fascina é a humildade composta na obra analisada, permitindo-se observar seu objeto, sua fonte de estudo, o sertanejo e o sertão, de forma tão próxima e sensível, quanto distante - no olhar universal - usufruindo da ambiguidade presente na questão do vernacular, aqui também entendido como significado a língua em que se fala, de maneira inovadora, sendo este um dos aspectos a serem estudados durante a pesquisa.

Guimarães Rosa desce ao porão do Brasil como língua, descobre e não por acaso, aquelas Minas sem as quais o Brasil como veio a existir nunca se teria feito nação - aquela nação -, e, nessa descida atravessa as camadas do falar, os tempos de uma língua que se reinventa - ou ele recria sem fim - para contar história de um passado aparentemente morto - e que é simplesmente a língua portuguesa sem sujeito e com todos os sujeitos (LOURENÇO, 1997, p.24).

O segundo objeto de estudo e pesquisa foi o edifício da Igreja do Espírito Santo do Cerrado¹, em Uberlândia, Minas Gerais, por Lina Bo Bardi, Achillina Giuseppina Bo (1914-1992, Roma, Itália - São Paulo, Brasil) foi arquiteta, designer, cenógrafa, editora e ilustradora. Graduou-se arquiteta na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma, em 1940. Sua vinda ao Brasil, no qual carinhosamente referia-se como “minha pátria de escolha”, ocorreu com a seu marido Pietro Maria Bardi (1900-1999), em 1946. Instalou-se, primeiramente no Rio de Janeiro, depois na capital paulista e posteriormente na capital baiana, tendo enfim voltado a São Paulo. Fruto da sua experiência nordestina, sua visão de mundo amadurece com o contato mais tangível a algo já autenticamente defendido pela arquiteta, a valorização da contextualização local. Em 1964, devido ao rompimento cultural instigado pelo golpe militar, volta a São Paulo, mas prossegue com algumas viagens a região nordeste. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2014)

Quando a gente nasce, não escolhe nada, nasce por acaso. Eu não nasci aqui, escolhi esse lugar para viver. Por isso, o Brasil é meu país duas vezes, é minha 'Pátria de Escolha', e eu me sinto cidadã de todas as cidades, desde o Cariri, ao Triângulo Mineiro, às cidades do Interior e as da Fronteira. (BARDI, 1993, p.12)

O convite para a construção de uma capela que suprisse a demanda da comunidade local foi feito pelas ordens dos Franciscanos e das Carmelitas de Pés Descalços, e chegou por intermédio de seu amigo e artista Edmar de Almeida e pelos freis Fulvio Sabia e Egydio Parisi, após sua visita a Uberlândia (MG) em 1975. Ao tomar conhecimento da proposta da construção vir a ser realizada em mutirão, pela comunidade do Bairro Jaraguá, de condição periférica, a arquiteta aceita o convite. (MIRANDA, 2014)

FIGURA 2: Fotografia de 1978 ilustra Lina Bo Bardi e Frey Egydio com o grupo de colaboradores para a obra Igreja Espírito Santo do Cerrado.



Fonte: acervo ILBPMB. In: Uma ideia de Arquitetura - Os Escritos de Lina Bo Bardi. GRINOVER, 2017, P.17.

¹ A Igreja Espírito Santo do Cerrado foi projetada no período entre 1976 a 1981, sob supervisão de Lina Bo Bardi e colaboração de Marcelo Ferraz e André Vainer. Localiza-se no bairro do Jaraguá, em Uberlândia, MG.

A escolha de Lina parece também ser uma oportunidade para aplicar na prática todos os seus conhecimentos técnicos e aspirações culturais, voltados à valorização da cultura popular, e seus valores políticos, expostos em seus escritos, como “A contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria de Arquitetura”, (1957).

O estudo da técnica, aliada ao conhecimento vernáculo (tema recorrente na sua carreira, sendo possível usar materiais simples e do próprio local); e a possibilidade de um “trabalho conjunto”, onde a coletividade significava a retirada da população de um estado de passividade permanente, recolocando, por meio do evento do mutirão, a consciência política e cultural da população.” (MIRANDA, 2014).

A própria Lina relata, sobre essa experiência:

A igreja foi construída por crianças, mulheres, pais de família, em pleno cerrado. Construída com materiais muito pobres, coisas recebidas de presente, em esmolas. É tudo dado. Mas não no sentido paternalista, mas com astúcia, de como pode se chegar a coisas com meios muito simples. (FERRAZ, Marcelo Carvalho; LATORRACA, Giancarlo (Orgs.). Igreja Espírito Santo do Cerrado. São Paulo; Lisboa, Blau, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999. 31p.)

Nessa obra parece estar em destaque a posição e a mentalidade da arquiteta diante de um contexto de subordinação e inferioridade da população rural mineira em relação ao resto do estado, na época (SILVA, 2015). Esta noção é delimitada por uma visão que Bardi denominava como pseudocultura (BARDI, 1958, In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.87), que refletiria certa cultura ocidental e se caracterizaria por uma descontextualização da realidade local, como resultado da condição de consumo. Silva (2014) afirma que a Bardi:

[...] considerava que uma verdadeira apropriação cultural identitária seria possível justamente pela massa popular excluída, que por sua necessidade de sobrevivência pensa soluções novas e originais. E acrescenta que isso condiz com o pensamento moderno, que rompe e supera o academicismo [pseudo]europeizado. (SILVA, 2014, p.40).

Por fim, como a própria Lina expressa e defende, a riqueza oriunda da visão vernácula resultaria em uma aproximação da realidade do sertão, com uma genuína vontade de aprendizado.

Salvaguardar ao máximo as forças genuínas do país, procurando ao mesmo tempo estar ao corrente do desenvolvimento internacional, será a base da nova ação cultural, procurando, acima de tudo, não diminuir ou elementarizar os problemas, apresentando-os ao povo como um alimento insosso e desvitalizado [...]. (BARDI, 1958. In: RUBINO; GRINOVER, 2009, p.89)

Durante a realização desta pesquisa foi de grande importância a leitura do livro “Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura”, escrito originalmente como tese apresentada por Bardi ao concurso para a Cadeira de Teoria de Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1957. Essa fonte permitiu uma sistematização do conhecimento e aprendizado fornecido pela própria Bardi, que será referenciado constantemente durante este trabalho. Nota-se que no mesmo período

ocorre a publicação do romance “Grande Sertão – Veredas”, por Guimarães Rosa, que, coincidentemente, alude de forma literária a certos preceitos e convicções que Lina menciona e defende naquela tese.

Este caráter de existência tangível real e utilitária, é o verdadeiro caráter da arquitetura, o único que pode incluir, em seu conceito, o palácio de governo, a casa popular, a casa popular, a escola, bem como o desenho de uma cama ou de um prato; o único que justifique a atitude humilde, quase eclética, do arquiteto hoje. (BARDI, 1957, p.43)

Lina depara-se com uma busca similar no Brasil, indo ao encontro de uma maior compreensão das raízes da cultura brasileira, demonstrando e ressaltando a beleza ali contida. Isso se dá tanto por meio da divulgação do artesanato, como frequentemente ocorre na revista Habitat, como anos mais tarde, ao aceitar a opção pela construção coletiva, propondo em seu projeto o respeito às técnicas construtivas familiares aos moradores locais, no edifício da Igreja do Espírito Santo do Cerrado.

A partir destas primeiras aproximações, a pesquisa visa investigar as semelhanças entre suas obras, por meio de suas afinidades e princípios ligados a dois aspectos: o discurso e a valorização da cultura vernácula.

3. METODOLOGIA

A metodologia abordada neste trabalho, baseou-se, principalmente, na compilação e discussão das obras de ambos criadores aqui estudados, Lina Bo Bardi e João Guimarães Rosa.

Em relação à primeira, além do estudo da bibliografia básica referente ao seu trabalho, analisou-se em especial os textos redigidos pela própria Lina, com destaque ao conteúdo dos cinco primeiros volumes da revista Habitat (1950 - 1951) e sua tese, “Contribuição Propedêutica ao Ensino de Arquitetura” (1957). Além disso, buscou-se realizar pesquisa no acervo do Instituto Bardi; porém devido a preferência à mestrados e doutorandos, não houve disponibilidade de marcação de consulta, durante toda a pesquisa.

Quanto ao segundo, além da própria obra de Rosa foram estudados os principais autores que interpretam essa obra, como Willi Bolle e Antonio Candido. Foram também consultados os acervos do arquivo original de Rosa disponibilizado no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros - USP) e procurou-se consultar os arquivos da SUMAV, Superintendência de Museus, em Belo Horizonte, sendo uma tentativa que não obteve sucesso, devido a problemas de gestão interna.

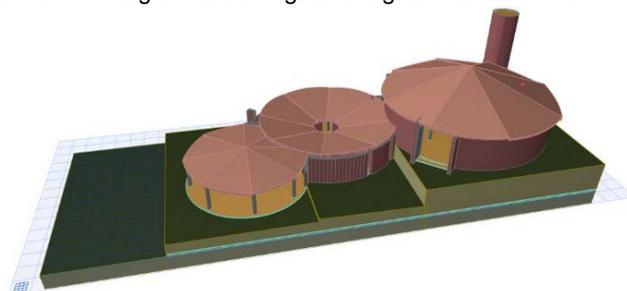
Além da ampliação da base teórica, foram realizados estudos de campo, como por exemplo, uma viagem com destino as regiões de Cordisburgo, Belo Horizonte e Uberlândia. O objetivo era a melhor compreensão das obras estudadas, sendo Uberlândia o local da Igreja e Cordisburgo a cidade natal do autor, onde se encontra também o Museu Casa Guimarães

Rosa, cujo acervo também foi possível consultar. A viagem também permitiu o aprofundamento da compreensão do conceito do vernáculo, pois em um estudo que trata do povo mineiro, um maior entendimento só seria possível no contato real, principalmente com as pessoas vivendo nas localidades relacionadas com os estudos de caso da pesquisa.

Após a volta da viagem, a pesquisa teve prosseguimento com as entrevistas ao Marcelo Ferraz, integrante da equipe de Lina no projeto da Igreja do Espírito Santo do Cerrado em 1976, e de Luís Antônio Jorge, pesquisador na área de intersecção entre arquitetura e literatura. Sendo deste último, a comparação entre Rosa e Lina no texto “Língua portuguesa, literatura brasileira e os lugares do modernismo no Brasil”, que foi utilizado como ponto de partida para o interesse da pesquisa.

Os dados, informações e vivências obtidos através das visitas e pela análise da documentação, obtidas nessas pesquisas de campo, possibilitaram um redesenho mais acurado do projeto da Igreja do Espírito Santo do Cerrado, de Lina Bo Bardi, em base gráfica digital. Também possibilitou a análise de uma cartografia interpretativa sobre os trajetos realizados pelos personagens do romance “Grande Sertão: Veredas”. Foram também realizados levantamentos iconográficos e fotográficos das obras e lugares de interesse da pesquisa, tanto no tema do romance como no lugar e arredores da área da Igreja do Espírito Santo.

FIGURA 3: Imagem da base gráfica digital tridimensional



Fonte: Elaborada pela autora.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Após análise de aspectos materiais e imateriais, resultantes desta comparação, obtém-se duas visões para o aprofundamento: o discurso como forma de registro e a busca por uma identidade brasileira, a qual tangencia a cultura popular.

a. Discurso

Um primeiro tópico é a discussão sobre a relação de ambos criadores pesquisados com a temática do mito, e a do folclore, e como essas questões podem estar presentes em seus respectivos trabalhos.

Parece ser consenso entre os vários autores consultados que a obra de Rosa realiza um cruzamento entre os fatos experienciados pelo autor e sua imaginação criativa. No caso

do romance “Grande Sertão: Veredas”, parece ter sido de grande relevância sua participação no percurso de uma boiada pelo sertão mineiro, fato ocorrido em 1952. No caso da obra Lina, buscou-se uma aproximação tanto literal, por meio de seus textos, como por meio de suas propostas projetuais, em especial aquela para a Igreja do Espírito Santo do Cerrado. No que tange o tema religioso observa-se, em ambos, referências advindas de diversas crenças, apesar do posicionamento claro e cético da Lina quanto à desmistificação, mas profundo respeito às crenças populares.

Para a compreensão da relação entre o discurso e o mito nos apoiamos nas considerações do filósofo Arcângelo Buzzzi (1987). Este defende a relação de credibilidade e legalidade que há no entendimento do mundo por meio do mito, ao procurar aproximar termos como *lógos* e *mythos*. (BRANDÃO, 1987).

[...] o discurso linguístico enuncia intensamente esse espetáculo de solidariedade dos opostos, procurando aproximá-los e integrá-los pacífica e conflitualmente, então o discurso, mesmo que use palavras-de-ciência, é mítico e consequentemente literário. (BUZZI, 1987, p. 4)

Para tal feito, a denominação do termo “mito”, aqui empregado, corresponde àquela proposta na visão de Brandão (1987). Esse autor alega que o mito poderia ser compreendido como a “exteriorização de conteúdos do inconsciente coletivo”, conceito por sua vez oriundo da obra do psicólogo e pensador Carl Gustav Jung (1984):

O inconsciente coletivo é constituído pela soma dos instintos e dos seus correlatos, os arquétipos. Assim como cada indivíduo possui instintos, possui também um conjunto de imagens primordiais (JUNG, 1984, p. 73)

Como autor, Guimarães Rosa estaria se alimentado deste “inconsciente coletivo”, possível base e fonte de inspiração e criatividade para as suas mais diversas obras, com destaque ao romance “Grande Sertão Veredas”. Uma possível interpretação seria que este “conjunto de imagens primordiais” nutririam seu repertório, o que parece ser corroborado pelos esboços e relatos constantes nas suas cadernetas de campo, que registram suas impressões e pensamentos ao longo da viagem da boiada realizada em 1952. O cruzamento entre fatos verídicos e ficcionais apresentam-se de maneira não imediatamente evidente, e sim de forma nebulosa e tênue; e o próprio Rosa os compreende não como polos opostos, mas complementares. (INSTITUTO MOREIRA SALLES, 2006)

Como o próprio autor relata em carta ao tradutor e amigo, Curt Meyer-Clason, em 1965, seu processo de síntese e abstração está intimamente relacionado ao processo de subjetivação e mistificação do sujeito.

[...] Todos os meus livros são simplesmente tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada “realidade”, que é a gente mesmo, o mundo, a vida. Antes o obscuro, que o óbvio, que o frouxo. Toda lógica contém inevitável dose de mistificação. Toda mistificação contém

boa dose de inevitável verdade. Precisamos também do obscuro. (ROSA, 1965)²

O “obscuro”, que Guimarães defende em seu trabalho, carrega consigo uma dose de sensibilidade e profundidade, encontradas também na obra de Lina. Mas o misticismo a que Guimarães se refere, difere da folclorização, que Lina censura. Nesse sentido é válido pontuar a diferença de ambos os termos.

Na definição da palavra mito pelo dicionário de Oxford (1990) consta: “A traditional story, especially one concerning the early history of a people or explaining a natural or social phenomenon, and typically involving supernatural beings or events”³. Enquanto a definição da palavra “folklore” pelo dicionário de Oxford (1990) apresenta-se como: “The traditional beliefs, customs, and stories of a community, passed through the generations by word of mouth. A body of popular myths or beliefs relating to a particular place, activity, or group of people.”⁴.

O primeiro termo traz consigo um entendimento de mundo baseado em experiências físicas, interpretadas pela subjetividade dos sujeitos em questão. Já o segundo termo implica em um conjunto de crenças populares, que muitas vezes são compreendidas de forma superficial e pejorativa, negando seu verdadeiro potencial como alega Bardi (1994):

Folklore é uma palavra que precisa ser eliminada, é uma classificação em “categorias” própria da Grande Cultura central, para eliminar, colocando no **devido lugar**, incômodas e perigosas posições da cultura popular periférica. (INTITUTO LINA BO E P. M. BARDI, 1994, p.20)

Ela se atém ao cuidado na utilização do termo, que na sua visão, colabora ao encobrimento dos valores reais estruturadores da cultura em questão.

Quando a produção popular se petrifica em folklore, as verdadeiras e suculentas raízes culturais de um país secam: é sinal de que “interesses” internos ou de importação tomaram o poder central, e as possibilidades de cultura autóctone são substituídas por “frases feitas”, pela “supina repetição” e pela definitiva sujeição a esquemas esvaziados. É o caso da Itália popular petrificada pelo Fascismo. Não foi o folklore que desapareceu - era a Alma Popular que ia embora. (INTITUTO LINA BO E P. M. BARDI, 1994, p.21)

² Arquivo IEB - JGR-CT-04, 44. Folha 04/12. Carta a Meyer - Clason referente a tradução para o alemão do livro “Grande Sertão:Veredas”. RJ, 9 de Fevereiro de 1965

³ Fonte consultada: DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner’s Dictionary. Oxford University Press. Oxford. 1990. Tradução da autora: “Uma história tradicional, especialmente uma sobre o início da história de um povo ou explicando um fenômeno natural ou social, e tipicamente envolvendo seres ou eventos sobrenaturais.”

⁴ Fonte: Idem a anterior. Tradução da autora: “As crenças tradicionais, costumes e histórias de uma comunidade passaram através das gerações de boca em boca. Um corpo de mitos ou crenças populares, relacionados a um determinado lugar, atividade ou grupo de pessoas.”

Uma possibilidade de compreensão da proposta que elabora para o caso da igreja Espírito Santo do Cerrado, seria que esta corporificaria a busca de Lina por tais estruturas profundas de possibilidades, em si mesmas independentes das formas, mas referenciando-se nas técnicas construtivas populares, em seu modo de saber-fazer local, posto em prática através do próprio ato da construção coletiva.

Procurar com atenção as bases culturais de um País, (seja quais forem: pobres, míseras, populares) quando reais, não significa conservar as formas e os materiais, significa avaliar as possibilidades criativas originais. Os materiais modernos e os modernos sistemas de produção tomarão depois o lugar dos meios primitivos, conservando, não as formas, mas a estrutura profunda daquelas possibilidades. (INTITUTO LINA BO E P. M. BARDI, 1994, p.21)

O próprio programa do conjunto que engloba a Igreja permitiria traçar algumas referências em relação ao entendimento do mítico e do sagrado por parte da própria autora do projeto, como alega Lazzarin (2015) e Oliveira (2006):

Para este projeto, além de apostar na habilidade técnica local, Lina buscou no passado possibilidades espaciais à constituição do espaço sagrado, seja pela forma circular como “(..) característica da tradição arquitetônica romana ocidental (...)” (OLIVEIRA, 2006, p.91), seja pelas fortes referências à arquitetura Paleocristã e Românica no uso dos materiais, implantação ou no isolamento do campanário. (LAZZARIN, 2015, p.114)

FIGURA 4: Fotografia da atmosfera interna da Igreja Espírito Santo do Cerrado.



Fonte: elaborada pela autora. Amostragem do acervo iconográfico compilado durante excursão, imagem realizada durante viagem à Uberlândia no dia 08/01/2019.

Na interpretação de Oliveira (2006) o “microcosmo” presente na experiência espacial das obras de Lina, obtida por meio de “dispositivos” - entendidos por esta autora como elementos comuns, que admitem carácter simbólico à medida que são reinterpretados pela

arquiteta a cada obra - funcionariam como “mecanismos de orientação e ensinamento do preexistente” (OLIVEIRA, 2006). Tendo em vista o caso da Igreja do Espírito Santo do Cerrado, elementos como as gárgulas e a escada ganham destaque, sendo que a última admite carácter simbólico devido ao seu posicionamento e iluminação natural.

Pequenas ‘aberturas’ zenitais também aparecem em alguns projetos da Lina, a exemplo da Casa Valéria Cirell (1958), de diversos estudos de casas feitas no ano de 1962 e da Igreja do Espírito Santo do Cerrado (1976-1982) onde sintomaticamente esse elemento situa-se seja sobre o altar, seja sobre uma escada. (OLIVEIRA, 2006, p. 170)

Apesar do ceticismo apresentado por Lina em muitos dos seus textos, há interpretações mais subjetivas da trajetória da arquiteta. Oliveira (2006) sugere proximidade da arquiteta ao misticismo como forma de reivindicação.

A aproximação de Lina ao mito será, antes de tudo, uma forma de resistência, enquanto arma de conhecimento direto, perceptivo e participante, exatamente como o entendeu Hélio Oiticica. O mito tem um papel análogo ao dos contos, das lendas e das artes de dizer que constantemente invertem relações de força, colocando o fraco em posição privilegiada. Essas artes foram reconhecidas por Michel de Certeau como ações relativas a situações conflituais, como discursos estratégicos do povo, terrenos onde se podem rastrear modalidades específicas de práticas enunciativas e manipulações de uma ordem imposta. (OLIVEIRA, 2006, p. 122)

Estas possíveis relações entre as obras de ambos os intelectuais, sob a ótica do discurso subjetivo, são aqui apresentadas em uma primeira análise e estudo, abrindo caminhos para o futuro desenvolvimento e aprofundamento deste tema, bastante intrigante, mas muito complexo, em futuras especulações e pesquisas.

b. O laço vernacular

A partir destas primeiras aproximações, a pesquisa visa investigar as semelhanças entre essas obras, verificando possíveis afinidades e princípios comuns, que parecem estar ligados à valorização da cultura vernácula, considerando dois aspectos: tanto em sua abordagem, durante o trabalho intelectual, quanto em seu resultado, fruto desta síntese intelectual frente a realidade. As aproximações entre Rosa e Lina serão abordadas, aqui, sob a ótica do vernacular.

Esta palavra tem origem no termo vernáculo, que provém do termo latino *vernaculus*, que remete ao significado de apropriação, definido no próprio dicionário como “Próprio do país ou da nação a que pertence.”⁵. A ótica vernacular aplica-se tanto no campo linguístico, quanto arquitetônico. Sob a perspectiva linguística, a reinserção da cultura sertaneja é trazida ao meio erudito por meio da linguagem vernácula sob a qual é apresentada o romance Grande Sertão: Veredas. Rosa difunde dialetos locais e cria neologismos que reiteram sua inventividade e a

⁵ Fonte consultada: DICIONÁRIO Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

potencialidade. Sob a perspectiva arquitetônica, a arquitetura vernacular pode ser considerada como um resultado híbrido ao qual técnicas já empregadas por determinadas culturas, ao serem remodeladas e reinventadas, potencializam-se e difundem-se, melhorando não só o ambiente transformados, com outros ambientes similares, conforme alega Rubenilson Teixeira (2017):

Os 'arquitetos' da arquitetura vernacular não estão preocupados em acrescentar "palavras" para serem incorporadas ao "vocabulário" arquitetônico existente, pelo menos não de forma consciente. Apesar disto, chegam muitas vezes a resultados interessantes, o que comprova que o "belo" não surge necessariamente do 'novo'.(TEIXEIRA, 2017)

Partindo do preceito de Frampton, em seu texto de 1983, titulado como "Perspectivas para um regionalismo crítico", discussões a respeito da tensão entre o moderno e o popular são reiteradas.

Daí se origina o paradoxo: de um lado, a nação tem de fincar raízes no seu passado, forjar para si mesma um espírito nacional e desfraldar essa reivindicação cultural e espiritual perante a entidade colonialista. Mas, para poder tomar parte da civilização moderna, é necessário participar simultaneamente da racionalidade científica, técnica e política, o que muitas vezes exige o abandono puro e simples de todo um passado cultural. (FRAMPTON apud NESBITT, 1995, p.505)

Essa busca pelo reconhecimento de uma identidade atrelada às raízes locais, influencia-se pelo pensamento estrangeiro, seja no plano da cultura, seja no plano da civilização. Cujo processo de fertilização recíproca e reinterpretação impuras, denominado pelo próprio Frampton, ocorreria por meio da contaminação de ambas as partes.

No caso de Rosa, sua abordagem na construção do romance *o Grande Sertão: Veredas* inicia-se por sua viagem em maio de 1952, em direção ao sertão de Minas Gerais e da Bahia. Acompanha uma boiada, cujo mesmo trajeto é relatado pelo escritor em suas cadernetas de viagem, a qual proporciona um conhecimento do cotidiano franco do objeto analisado, o sertão brasileiro. (GAMA, 2013)

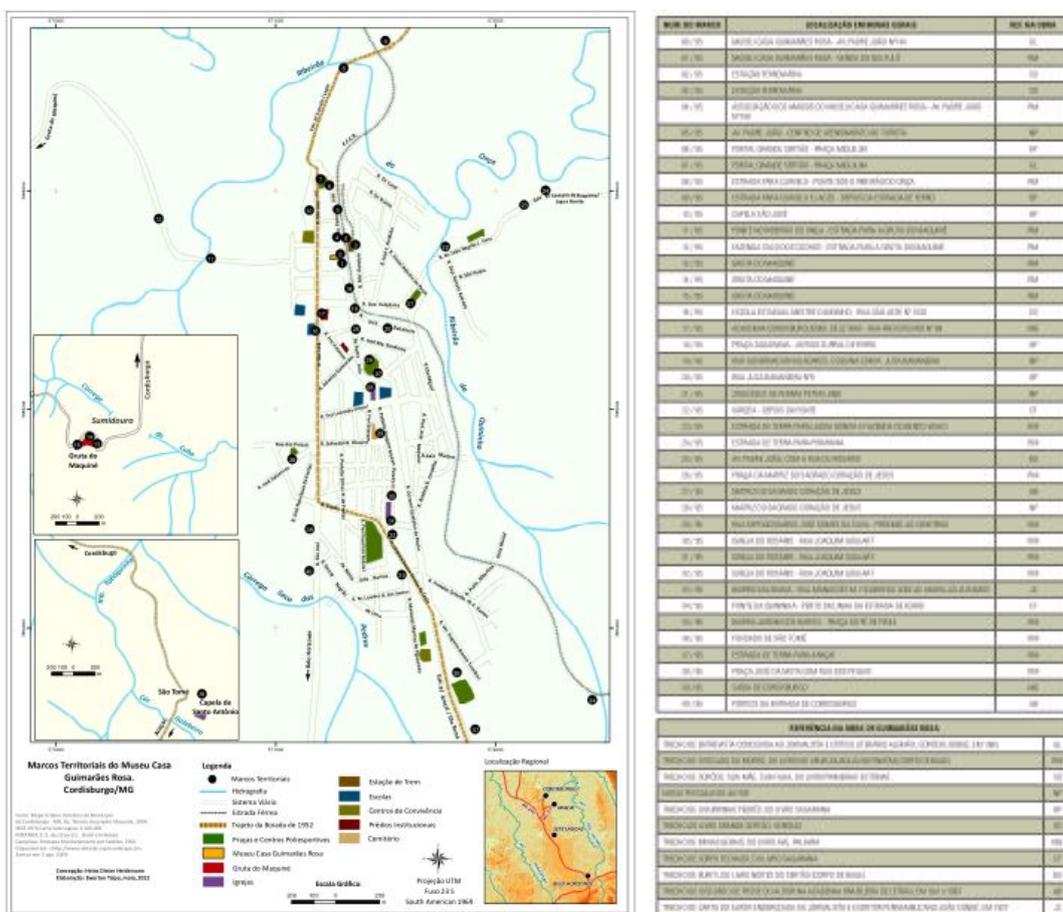
"Você conhece os meus cadernos, não conhece? Quando eu saio montado num cavalo, por minha Minas Gerais, vou tomando nota de coisas. O caderno fica impregnado de sangue de boi, suor de cavalo, folha machucada." (BLOCH, 1989, p.100)

Neste relato a Pedro Bloch (1989) durante entrevista⁶, Rosa expõe seu processo de registro, cuja coleta de dados acontece "in loco", junto aos agentes na atuação do cenário. Partindo desta dimensão, o seu interesse em atitudes simples e banais, muitas vezes vistas pelo autor como "detalhes" - hábitos dos vaqueiros, provérbios, expressões coloquiais próprias da região - colaboram para a veracidade das narrativas de Rosa.

⁶ BLOCH, Pedro. *Pedro Bloch Entrevista*. Rio de Janeiro: Bloch, 1989, p. 100. Originalmente publicada na revista *Manchete*, em 15 de jun. 1963.

Durante viagem à Cordisburgo, visitou-se a o museu Casa Guimarães Rosa. Dentro deste, pude obter a cartografia já compilada pela própria equipe do museu, dos pontos em que Rosa descreve em suas obras. A região mineira de Cordisburgo, que traz em si a referência geográfica do ambiente onde vivem os personagens rosianos, está representada no mapa abaixo. Ao todo, houve a identificação dos marcos territoriais mencionados pelo autor em quarenta pontos estratégicos no município.

FIGURAS 5 e 6: Mapa do Município de Cordisburgo e tabela da identificação de marcos territoriais em Cordisburgo, relacionados às obras de Guimarães.



Fonte: Mapa e tabela da exposição Rosa dos tempos, rosa dos ventos, no Museu Casa Guimarães Rosa. Concepção de Heinz Dieter Heidemann e elaboração de Ewerton Talpo, maio, 2012. Acesso em 06 de janeiro de 2019.

Assim, a sua inventividade reside no fato de reinterpretar o sertanejo sem subjuguá-lo ou estigmatizá-lo, mas deparando com toda a sua complexidade. Adota-se assim o contraste que reside na análise do léxico do próprio título, o “Grande Sertão” que retoma a “grandiloquência dos donos do poder, sempre no alto” em oposição ao raso das veredas, onde reside “a fala humilde do povo”, segundo análise do próprio BOLLE (2002).

“Com a ampla incorporação da linguagem popular em sua obra, Guimarães Rosa considera os sertanejos não como “objetos” de pesquisa, mas como sujeitos da invenção, isto é, como narradores de suas próprias histórias, que ele passou a colecionar e a integrar em suas estórias e em seu romance.” (BOLLE, 2002, p.364)

Constata-se também que em ambos os artistas há uma forte presença de um caráter regional que ao mesmo tempo torna-se universal, de acordo com o segundo critério de Frampton. No caso de Guimarães Rosa, a própria linguagem de Grande Sertão Veredas por si só, já é uma prova desse fato, conforme relata Antônio Candido (2006) abaixo:

A propósito da maneira personalíssima de Guimarães Rosa, falei há muito tempo em 'super-realismo', porque ele elabora o regional por meio de um experimentalismo que o aproxima do projeto das vanguardas. Nele não há pitoresco ornamental, nem realismo imitativo, nem consciência social e, sobretudo, a dimensão temática é menos importante do que a dimensão linguística, que parece criar uma outra realidade, porque a palavra ganha uma espécie de transcendência, como se valesse por si mesma. Quer dizer que ele não apenas sugere o real de um modo nada realista, mas elabora estruturas verbais autônomas. Nele a palavra é criadora por si mesma e transcende a matéria narrada. Por isso Grande sertão: veredas transforma o particular da região num universo sem limites, que exprime não apenas o sertanejo, mas o 'homem humano', para falar como Riobaldo. (CANDIDO, 2006)

Em relação a Lina, sua abordagem franca com a comunidade de Jaraguá é evidenciada em diversos relatos durante a execução da obra da Igreja do Espírito Santo do Cerrado. Assim como Rosa, Lina não idealiza os sujeitos em questão, mas os reinterpreta a partir de suas vivências cotidianas e particulares. Neste projeto, os critérios que Frampton evidencia como a consciência do lugar e a tectônica, para a eficiência da apropriação da arquitetura, são tangenciados na presença ativa no canteiro de obras.

Nota-se que o processo construtivo foi o principal ponto de contato entre arquiteta e a equipe de obras, como um processo aberto às considerações locais de execução, que foi fator decisivo para a autonomia demonstrada pelos trabalhadores associada à fidelidade dos trabalhadores à concepção original (LAZZARIN, 2015, p.75)

Sua reinterpretação daquela experiência evidencia "uma síntese espacial do processo de redemocratização brasileira", nas palavras de Lazzarin (2015). Como o próprio Luís Antônio Jorge (2012) coloca abaixo, a linha tênue entre ambos os intelectuais ocorre principalmente no campo metodológico, em suas abordagens frente ao desafio na conformação e na reiteração de uma identidade até então marginal, como o sertanejo.

A forma pela qual se dava a aproximação da arquiteta Lina Bo Bardi ao saber popular era muito similar à abordagem criativa de Rosa: um vínculo interno, um diálogo travado no nível da invenção da linguagem e não, da sua idealização, típica de quem detém a autoridade de um saber refratário à experiência alheia. Como Rosa, Lina percebeu, no contato com a riqueza da cultura popular, um convite para uma outra arquitetura (não a do tipo corrente) onde a inventividade estivesse amplamente contemplada de modo a nutrir a cultura moderna com os saberes populares. Uma arquitetura francamente afetiva, radicalmente simples e humildemente comprometida com as nossas verdadeiras necessidades. (JORGE, 2012)

A partir dessas considerações, entendemos que se desvela a possibilidade de compreender ambos objetos de estudos como resultados dessas possíveis sínteses, ou

maneiras de entendimento do mundo. Posições muitas vezes consideradas utópicas, que se colocam como balizadores de inspiração para futuros experimentos de possíveis “Brasis” que estão por vir. Pois ambos aceitam a realidade brasileira, cada qual em seu momento, e desfrutam das potencialidades com que se deparam, intervindo cada qual segundo seu próprio processo crítico e criativo.

Este trabalho propõe apenas uma primeira aproximação entre autores e temas, considerando a definição de arquitetura vernacular defendida por Rubenilson Teixeira (2017):

[...] uma arquitetura tradicional, resultante do desenvolvimento histórico de um determinado povo. Ela prescinde tanto do arquiteto como do projeto, na sua concepção contemporânea. Não cabe nas classificações estilísticas da arquitetura convencional. Origina-se ou é mais frequente em área rural. Respeita e se adapta bem às diversas limitações tecnológicas e físico-ambientais. A tecnologia é autóctone, primitiva, rudimentar, quando comparada à tecnologia formal. Ela permite variações ao nível da língua, mas não da palavra. A arquitetura vernacular é fundamentalmente a expressão de um povo, e, portanto, um ato cultural. (TEIXEIRA, 2017)

Ao buscar contribuir para a discussão da questão do vernacular, a pesquisa apenas inicia o debate, entendendo ser possível aprofundar novos estudos que caminhem nessa direção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão acerca da modernidade brasileira atravessa a cronologia há mais de um século, em um embate frente a temas como: nacional *versus* erudito e popular *versus* tradicional. O país ainda se mantém ao tópico da identidade nacional, que é replicada e atualizada à medida que novos contextos são criados. (OLIVEN, 2001)

Ao aproximar ambos os profissionais nesta pesquisa, busca-se, neste recorte, um exemplo de entendimento interdisciplinar na construção da identidade brasileira na segunda metade do século XX. Apesar de suas distintas áreas de atuação, ambos influenciaram a compreensão da ideia de nação que se esculpia na época. Carregam consigo uma visão internacional para situações cotidianos e populares, tendo sua expressão artística como resultado do cruzamento destes pensamentos. A maneira a qual digerem e se apropriam destes elementos confere uma lógica de dentro para fora, na qual priorizam a realidade cotidiana frente a um ideário erudito da sociedade.

Por outro lado, é válido ressaltar o cuidado ao aproximar ambos os profissionais, já que a petrificação e a estigmatização de ambos os artistas foram colocadas em pauta durante o desenvolvimento do trabalho. Como alega abaixo Marcelo Ferraz (informação verbal), em relação a Lina junto a temas rotulados como “regionalistas”, durante entrevista (2019):

[...] ela dizia: “não, eu sou arquiteto de alta tecnologia, trabalho com o concreto mais sofisticado do mundo, o concreto protendido, trabalho com as

técnicas mais sofisticadas, que não significam as mais caras ou as mais tecnologicamente desenvolvidas”, ela fazia questão de dizer que queria trabalhar com arquitetura de ponta, em todos os sentidos no uso dos materiais: ferro, concreto, na madeira, o sistema japonês de encaixe e outras coisas. Mas sem jogar fora esse conhecimento, que ela também considerava de certa maneira “conhecimento de ponta”. Alta tecnologia e conhecimento que estão no chamado “mundo popular”, da cultura popular, da arte popular do vernáculo. (informação verbal)⁷

Lina traz consigo uma bagagem europeia que ao longo dos anos, foi se transformando e amadurecendo devido a influência da cultura brasileira. Este contexto europeu que a circundou entre os anos de 1945 a 1965, em paralelo a sua estadia no Brasil, é denominado por Montaner (2001) como neorealismo italiano, expressado na arquitetura, literatura e no cinema.

Em cada caso existe uma busca de verossimilhança tradicional -por isso a recuperação de contos populares, personagens comuns ou arquiteturas neovernáculos -, um imperativo ético, uma atenção aos fatos tal como são, uma vontade exacerbada de comunicação baseada nos diálogos, e uma luta contra todo o formalismo, seja clássico ou moderno. O realismo na arquitetura, de uma maneira ou de outra, conduz ao compromisso com um desenho funcional, direto e simples. (MONTANER, 2001, p.108)

Em particular, a Igreja Espírito Santo do Cerrado insere-se em um contexto amadurecido em que 20 anos depois de sua escrita na “Contribuição Propedêutica ao Ensino da Teoria da Arquitetura”, consegue obter em um projeto a síntese espacial de seus conceitos já expostos, na qual a arquiteta indicaria “uma nova proposta à condição de subdesenvolvimento brasileiro.” (LAZZARIN, 2015)

Em paralelo ao contexto arquitetônico, a partir da década de 50, a discussão literária retoma a importância nas características regionais da nação. Para tal efeito, Guimarães Rosa se utiliza de estratégias de compreensão espacial em suas narrativas literárias. Por meio de sua obra Grande sertão: veredas, Rosa busca identificar um método de ver o país, ao tentar torná-lo legível, conforme alega Starling (1998):

Grande sertão: veredas representa uma espécie de síntese do universo ficcional de Guimarães Rosa, propositalmente direcionado para tentar decifrar imagens do Brasil e torná-las legíveis, enquanto produção de conhecimento, para a história e para a política [...] onde transitam superpostos, os sinais constitutivos de uma releitura intensa de um povo, de uma cultura, de uma nação: o contínuo vaivém entre o moderno e o arcaico. (STARLING, 1998, p.138-139)

Por fim, destaca-se que a partir da viagem, o olhar frente ao tema esteve em um processo de amadurecimento, adquirindo assim, novas perspectivas quanto a comparação estudada. A possibilidade de cruzamento entre a metodologia de ambas as obras foi deparada ao grande desafio de renovação que adquirem no contexto contemporâneo de Minas Gerais.

⁷ Trecho da entrevista concedida por Marcelo Carvalho Ferraz. [maio. 2019]. Entrevistadora: Stephany Altruda. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (45min.).

Duas obras, uma arquitetônica e outra literária, que apesar de suas diferentes finalidades, são utilizadas como instrumentos catalizadores de mudança social. Seja no trabalho realizado no Museu Casa Guimarães Rosa, junto ao Grupo de Contadores de Estórias Miguilim, que aproxima as narrativas de Rosa à realidade de Cordisburgo; ou seja na Igreja do Espírito Santo do Cerrado, cuja construção de participação popular gerou uma sensação de pertencimento da comunidade do Bairro de Jaraguá, principalmente nos seus primeiros anos.

Desta forma, esta pesquisa estimula e explora a perspectiva de similaridades e possíveis cruzamentos entre Lina Bo Bardi e Guimarães Rosa, compondo um possível panorama de carácter identitário do movimento moderno brasileiro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (Brasil). João Guimarães Rosa: Biografia. Online. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

BARDI, Lina Bo. *Contribuição Propedêutica ao Ensino de Arquitetura*. 1957. 95 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teoria de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1957.

BARDI, Lina Bo. *Curriculum literário*. In: Lina Bo Bardi. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993.

BARDI, Lina Bo. *Lina Bo Bardi*. Organização Marcelo Carvalho Ferraz; texto Lina Bo Bardi. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1993. 333 p., il. p.b. color.

BOLLE, Willi. *Representação do povo e invenção de linguagem em grande sertão: veredas*. Scripta, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p.352-366, 2002. Semestral.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega: Volume II*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. 384 p. Online. Disponível em: <<file:///C:/Users/tets1/Downloads/Junito%20de%20Souza%20Brandao%20-%20MITOLOGIA%20GREGA%20II.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2019.

BUZZI, Arcângelo. *Literatura e Mito*. Conferência pronunciada no II Congresso de Literatura da UGF, em outubro de 1987.

CANDIDO, Antonio. *O super-realismo de Guimarães Rosa*. *Jornal da Usp*. São Paulo, p. 1-2. maio 2006

DÜLGEROGLU, Y. *Design methods theory and its implications for architectural studies*. *Design methods: theories, research, education and practice*, California: Design Methods Institute, v. 33, n. 3, p. 2870-2879, 1999.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. *Entrevista I*. [maio. 2019]. Entrevistadora: Stephany Altruda. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (45 min.).

FERRAZ, Marcelo Carvalho; LATORRACA, Giancarlo (Orgs.). *Igreja Espírito Santo do Cerrado*. São Paulo; Lisboa, Blau, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1999.

FRAMPTON, Kenneth. *Perspectivas para um regionalismo crítico*. In: NESBITT, Kate. *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia Teórica 1965-1995*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 503-519.

- GAMA, Mônica. *O diário de viagem de Guimarães Rosa: Movimento e voo das palavras nas notas de 1952*. Manuscrita, São Paulo, v. 25, p.299-302, 2013.
- GRINOVER, Marina Mange. *Uma ideia de arquitetura: escritos de Lina Bo Bardi*. 2010. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos de Literatura Brasileira: João Guimarães Rosa*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006. Online. Disponível em: <https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_guimar_es_rosa>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- INSTITUTO LINA BO E P. M. BARDI. *Tempos de grossura: o design no impasse*. Organização: Marcelo Suzuki. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1994.
- Italo Calvino, “Visibilidade”, in *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. CALVINO, Italo. São Paulo : Companhia das Letras, 1990, pp.107-108
- JORGE, Luís Antônio. *Entrevista II*. [maio. 2019]. Entrevistadora: Stephany Altruda. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (50 min.).
- JORGE, Luís Antônio. *Língua portuguesa, literatura brasileira e os lugares do modernismo no Brasil*. Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 148.02, Vitruvius, set. 2012. Online. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.148/4503>> Acesso em:13 jan.2018.
- JUNG, C. G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis. Editora Vozes, 1984.
- JUTLA, R. *An inquiry into design methods. Design methods: theories, research, education and practice*, California: Design Methods Institute, v. 30, n. 1, p. 2304-2308, 1996.
- KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz et al. *Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico*. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p.7-19, Não é um mês valido! 2006.
- LAZZARIN, Ariel Luís. *A Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado e suas alternativas à arquitetura brasileira*. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.
- LINA Bo Bardi. In: ENCICLOPÉDIA *Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Online. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1646/lina-bo-bardi>>. Acesso em: 17 de Jan. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- LOURENÇO, Eduardo. *Guimarães rosa ou o terceiro sertão*. Letras, Lisboa, p.19-24, abr. 1997.
- MARGOTTO, Luciano. *Lições de Arquitetura: Leitura a partir de poéticas*. 2016. 246 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- MIRANDA, Ana Paula Tavares. *Ação, protagonismo e movimento social na igreja espírito santo do cerrado*. Revista Relicário, Uberlândia, v. I, n. 2, p.44-56, jul. 2014. Semestral. Online. Disponível em: <<file:///C:/Users/sam's/Downloads/16-33-1-PB.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.
- MONTANER, Josep Maria. VII: *Cultura e arquitetura italiana: Bruno Zevi, Ernesto Nathan e Giulio Carlo Argan*. In: MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001. p. 95-108.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas)*. Estudo avançado, São Paulo , v. 20, n. 58, p. 47-64, Dec. 2006.

MUSEU CASA GUIMARÃES ROSA, *Catálogo de exposição: Rosa dos Tempos, Rosa dos Ventos*. Cordisburgo, Minas Gerais, 2019.

NOGUEIRA, ARNALDO. *João Guimarães Rosa*. Online. Disponível em: <http://releituras.com/guimarosa_bio.asp>. Acesso em: 16 jan. 2018

OLIVEIRA, Olivia de. *Lina Bo Bardi: Sutis substâncias da arquitetura*. São Paulo: Romano Guerra, 2006.

OLIVEN, RUBEN GEORGE. *Cultura e modernidade no Brasil*. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 2, p. 3-12, Apr. 2001 . Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392001000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Jul 2019

ROSA, João Guimarães. [Carta] 9 fev. 1965, Rio de Janeiro [para] MEYER, C., Berlim. 04/12f. Tradução para o alemão do livro “Grande Sertão: Veredas”.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina [org.] *Lina por escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SALES, Cristiano Lima. *Grande Sertão: Veredas, “lugar de memória” e ponte para a história de uma Minas Gerais esquecida*. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas, Minas Gerais – Brasil, v. , n. 2, p.1-17, out. 2012.

SILVA, Claiton Marcio da. *Os outros são o atraso: populações rurais e modernização agrícola em Minas Gerais (1950-1960)*. In: SILVA, Sandro Dutra e; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero. *Vastos Sertões: História e Ciência na Natureza e na Literatura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2015. p. 111-126.

SILVA, Natália Achcar Monteiro. *Um olhar sobre a igreja divino espírito santo do cerrado*. 2014. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. *O sentido do moderno no brasil de João Guimarães Rosa - veredas de política e ficção*. Scripta, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 138-146, out. 1998. ISSN 2358-3428. Online. Disponível em: <<http://200.229.32.55/index.php/scripta/article/view/10229/8330>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Arquitetura vernacular. Em busca de uma definição*. Arqtextos, São Paulo, ano 17, n. 201.01, Vitruvius, fev. 2017 . Online. Disponível em:<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/17.201/6431>>. Acesso em: 30 set 2018

WWF BRASIL (São Paulo). *Cerrado - Berço das águas*. Online. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/cerrado/bercodasaguas/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

Contatos: ste.altruda@gmail.com e rvzein@gmail.com